

Efeitos de sentido no discurso jornalístico: a semântica global em notícias de um jornal popular

*Effects of meaning in journalistic discourse:
global semantics in news from a popular newspaper*

Gustavo Estef Lino da Silveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
gustavolinosilveira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5591-7690>

RESUMO

O estudo tem por objetivo analisar notícias de jornal sob uma perspectiva discursiva. Apresentaremos de que maneira os textos produzidos pelo veículo cooperam para a construção de uma semântica global dos textos conforme definição de Maingueneau (2008). Para esta discussão, foram selecionadas doze notícias do jornal *Extra* escritas com base em denúncias enviadas por leitores através do aplicativo de celular *Whatsapp*. Podemos ressaltar que, entre os vários elementos que corroboram para a criação de uma semântica global dos textos, aqueles que estão presentes são: o código linguageiro, o estatuto do enunciador e do coenunciador, o vocabulário. Dentre os efeitos de sentido criados podemos destacar que as notícias funcionam como uma espécie de entretenimento ao leitor através de alguns dos elementos que formam a semântica global dos textos.

Palavras-chave: análise do discurso; semântica global; jornal.

ABSTRACT

The study aims at analyzing newspaper news from a discursive perspective. We will be presenting how the texts produced by the medium cooperates for the construction of a global semantics of the texts as defined by Maingueneau (2008). For this discussion, twelve pieces of news from the *Extra* newspaper, written based on complaints sent by their readers through the *Whatsapp* mobile app, were selected. We can point out that among various elements that corroborate the creation of a global semantics of the texts, those that are present are: the language code, the status of the enunciator and co-enunciator, the vocabulary. Among the effects of meaning created, we can highlight that the news work as a kind of entertainment for the reader through some of the elements that form the global semantics of the texts.

Keywords: discourse analysis; global semantics; newspaper.

INTRODUÇÃO

O discurso jornalístico e sua pesquisa no Brasil intensificaram-se a partir da década de 1950 (Strelow, 2011, p. 67). No entanto, pesquisas que tenham como base a Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), também chamada de enunciativa ou discursiva, são poucas no país, haja vista que os primeiros estudos em AD por aqui tiveram início com a pesquisadora Eni Orlandi na década de 1970. Além disso, as primeiras obras de Dominique Maingueneau começaram a ser publicadas no Brasil muitos anos depois. A AD que utilizaremos neste artigo se atrela à definição de Maingueneau, o qual afirma que esta seria “um conjunto de abordagens que pretende elaborar os conceitos e os métodos fundados sobre as propriedades empíricas das atividades discursivas” (Maingueneau, 2006, p. 2).

Acreditamos nesse empirismo como forma de se utilizar a AD não como um método estanque (até porque explicaremos a metodologia de pesquisa utilizada neste artigo na seção 3), mas sim como um arcabouço teórico que nos permite analisar a materialidade linguística produzida dentro de uma formação discursiva. Para Silva (2007, p. 114), “estudar a linguagem implica considerar sua materialidade, que é linguística, mas também reconhecer as condições de produção as quais é submetida”. Podemos, além disso, afirmar que a língua é um fenômeno social e que diferentes sujeitos produzem textos que os identificam no mundo.

O presente trabalho tem como tema central analisar a importância de uma semântica global dos textos para sua construção de sentido. O *corpus* selecionado é composto de notícias de um jornal popular da Baixada Fluminense que foram produzidas a partir de denúncias enviadas pelo aplicativo de celular *WhatsApp*. Os moradores fotografaram os fatos ocorridos e enviaram seus relatos ao jornal, através de mensagens de texto e/ou áudio; o jornalista e o editor do jornal produziram as matérias com base na denúncia recebida. Utilizaremos o método da cartografia para esta pesquisa e tentaremos responder as seguintes perguntas-chave, que são: que efeito de sentido é produzido nesses discursos? Quem está legitimado a falar e sobre o que se fala? Que vocabulário é utilizado?

Sendo assim, este artigo está dividido em seis partes. Além desta introdução, trataremos a fundamentação teórica acerca do que vem a ser uma semântica global dos textos. A seguir, apresentaremos a metodologia de pesquisa; em seguida, faremos a descrição dos procedimentos de produção do *corpus*; e, por fim, trataremos nossas considerações finais.

OS MÚLTIPLOS PLANOS DE UMA SEMÂNTICA GLOBAL

Faremos aqui uma revisitação de alguns conceitos que serão importantes ao analisarmos nosso *corpus* de pesquisa. As notícias (neste caso as publicadas no suporte jornal) trazem em si discursos múltiplos de diferentes atores sociais que a compõem, como, por exemplo: o denunciante, o jornalista, o entrevistado, o editor, entre outros. Por isso, entendemos que precisamos olhar as notícias como carregadas de um significado múltiplo que agregam diferentes formações discursivas que se manifestam nos textos. Para isso, buscaremos em Maingueneau (2008) o que vem a ser uma semântica global dos textos. O autor afirma que esta compreende-se como sendo um conjunto de regras que se manifesta na superfície textual pelas quais podemos identificar as possibilidades de dizer. Logo, é preciso que se pense globalmente no funcionamento discursivo através de todas as dimensões do discurso, como, por exemplo: vocabulário, etos, intertextualidade, tema, dêixis enunciativa, o estatuto do enunciador e do coenunciador, os modos de enunciação e coesão (Maingueneau, 2008, p. 75-97).

Para o autor, é preciso “alcançar a ‘compreensão de todo unificado que uma língua forma’, seu ‘esquema construto’” (Maingueneau, 2008, p. 77). Há uma ampla camada de dimensões que a semântica global pode abarcar. Embora haja uma menção direta apenas aos fatores mencionados anteriormente, como sendo estes os que são mais visíveis e latentes em um *corpus*, podemos compreender que todos esses recursos atuam juntos levando a termos o entendimento de que o discurso é um evento onde múltiplos planos discursivos se imbricam formando assim a semântica global.

Há uma prática discursiva que envolve a produção dessas notícias através de uma denúncia enviada pelo *WhatsApp*. Essa prática faz trabalharem juntas duas realidades: grupos que produzem textos e textos que dão materialidade aos grupos. Os textos produzidos dão forma e visibilidade aos grupos que os produziram.

Passemos agora a definir brevemente os pontos de uma semântica global que serão tratados neste artigo: falaremos, em primeiro lugar, do código linguageiro, em seguida do estatuto do enunciador e do coenunciador e, por fim, do vocabulário.

O código linguageiro é, grosso modo, o texto em um determinado contexto. Maingueneau atrela o código linguageiro aos discursos constituintes. Por exemplo: a alternância de línguas ou de registros (entre formal e informal). Este é um dos tópicos que menos foi explorado pelo autor ao definir o que vêm a ser os elementos que formam a semântica global. O código linguageiro é todo um modo de construção textual que legitima o dito. Podemos afirmar também que é o trabalho que é feito com a linguagem que confere singularidade ao texto e/ou discurso. Podemos destacar ainda que constituem o código linguageiro:

dialetos de maior ou de menor prestígio; enunciados que, pelas escolhas do código linguageiro, conferem uma posição mais ou menos alta aos interlocutores; textos que se produzem com maior ou menor grau de inteligibilidade pelo leigo; escolhas que conduzem a relações mais ou menos simétricas entre os participantes (Freixo; Rocha, 2020, p. 66).

Passemos aqui a definir o que vem a ser outro ponto que faz parte da semântica global: o estatuto de enunciador e do coenunciador. Os discursos são legitimados por quem o diz em determinada posição e pode dizer o que diz. “Cada discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer” (Maingueneau, 2008, p. 87). Tomemos como exemplo folhetos litúrgicos de uma missa, sabemos que o enunciador, embora apagado, é alguma autoridade eclesiástica que exerce influência e conhecimento teórico acerca do seu discurso. Seu discurso legitima seu dizer pelo vocabulário, pelo gênero, pelo modo, pelo tema, entre outras características que estão dentro da semântica global. Por sua vez, já seus destinatários, sabemos serem cristãos, conhecedores ou não das Escrituras, mas que o enunciador tenta trazê-los para mais próximo de Deus.

Em Silva (2007, p. 114) encontramos fundamento para afirmar que não apenas os textos literários, mas também o discurso jornalístico faz bastante uso de metáforas. O vocabulário se manifesta no *corpus* de maneira a criar figuras de linguagem; em particular: a metáfora e a metonímia.

Metáfora e metonímia são duas das principais figuras de linguagem (ou do discurso), que “desde a Antiguidade Grega [...] jogam com a combinatória dos termos no

interior dos enunciados”. (Charadeau; Maingueneau, 2016, p. 331). Desse interior dos discursos e dos textos proferidos por outrem que carregam marcas alheias, nasce o interdiscurso, que é uma forma de ação no mundo: é o discurso visto como uma prática discursiva, a produção de textos somada a uma comunidade de apoio.

RIZOMA, CARTOGRAFIA E A PESQUISA

Esta é uma pesquisa que partiu do *corpus*, com isso queremos dizer que o próprio material de pesquisa foi nos direcionando para qual percurso seguir. Não tínhamos uma pergunta de pesquisa inicial que pretendíamos responder, mas o material selecionado nos mostrou algumas pistas que nos apontavam para alguns elementos que corroboravam para um significado global que os textos produzidos tinham em comum. Por esta razão, justificamos nossa escolha metodológica pela cartografia.

A cartografia enquanto método de pesquisa foi originada com base no conceito de rizoma (tema da botânica) de Deleuze e Guattari (2017), os quais definem que há uma multiplicidade em um método de pesquisa, ou seja, este pode crescer para diversos lados como o caule de uma árvore que cresce horizontalmente ou uma grama que se espalha por onde ela puder. Este não é um método estanque, pré-definido, mas pode ir crescendo conforme os processos e percursos da pesquisa vão sendo acompanhados, pois há uma conexão em rede. Tomemos por exemplo um *hyperlink* da internet: começamos a navegar em uma determinada página, clicamos em uma imagem, que nos remete a outros textos e, daqui alguns instantes, aquela rede de conexão cresceu de tal maneira que se expandiu de inúmeras formas. A cartografia também pode ser comparada a um mapa tridimensional, das formações, que é preciso cortar platôs para se visualizar seus contornos geográficos.

A cartografia vai além da dicotomia quantitativa e qualitativa, ela propõe a subversão da ordem das pesquisas, sem com isso abrir mão do rigor metodológico. Para Passos e Barros (2014, p. 17) “a cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos”.

AS NOTÍCIAS DE UM JORNAL POPULAR

O *corpus*¹ deste artigo foi selecionado a partir de notícias de bairro do caderno “Baixada” do jornal popular *Extra*. Foram selecionadas doze notícias que foram escritas a partir de denúncias locais de moradores da Baixada Fluminense que enviaram suas queixas ao jornal através de foto, texto e áudio pelo aplicativo de celular *Whatsapp*. A partir dos textos recebidos, o jornal cria sua notícia e cobra o poder público utilizando a chancela de seu mascote² denominado “Zé Lador”, que faz a ponte entre a comunidade local e o poder público exigindo deste último melhorias nas demandas apresentadas pela população. As notícias retratam denúncias enviadas por moradores dos seguintes municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri e Nova Iguaçu. Embora a Baixada Fluminense seja composta de 13 cidades, apenas 4 delas foram retratadas nas 12 notícias encontradas e que formam o *corpus*. Por questões de tempo e espaço, reproduzimos apenas a primeira delas no Anexo como em seu original, as demais foram apenas transcritas.

Trazemos a seguir a Tabela 1 com as onze manchetes do *corpus* deste artigo com suas respectivas datas de publicação.

Tabela 1: Manchetes do *corpus*.

Número da notícia	Manchetes	Data de publicação
1	Só o Zé Lador se lembra deles	30 de abril de 2015.
2	Asfalto fica só na promessa	4 de maio de 2015.
3	Um piscinão no meio da avenida	6 de maio de 2015.
4	Obra está parada há cinco anos	8 de maio de 2015.
5	Algo não cheira bem em Caxias	11 de maio de 2015.
6	Sem asfalto, rua vira um lixão em Meriti	12 de maio de 2015.
7	Falta manutenção, sobram os buracos	13 de maio de 2015.
8	O ‘lama jato’ do Transmontano	18 de maio de 2015.
9	Praça mais para lá do que para cá	20 de maio de 2015.
10	Sete meses com os pés na lama	25 de maio de 2015.
11	Muitos buracos e nada de obra	28 de maio de 2015.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

¹ Por questões de tempos e espaço reproduziremos originalmente a notícia 1 do *corpus* de pesquisa e faremos a transcrição de todos os doze exemplares em seguida conforme podem ser vistos em Anexo.

² Embora em Língua Portuguesa a concordância seja “a mascote, por se tratar de um boneco do gênero masculino e por ser de amplo uso utilizaremos a forma “o mascote” neste artigo.

Chamaremos aqui o leitor de coautor da notícia, não por ele escrevê-la junto ao jornalista, mas damos a ele esse *status* por ter o papel de selecionar a pauta, trazer suas marcas discursivas ao texto através do discurso direto. Além disso, ele exerce grande importância e papel na constituição da notícia em si.

A NOTÍCIA DO JORNAL POPULAR COMO ENTRETENIMENTO

A materialidade dos textos é a porta de entrada para o social que desejamos construir. Os textos não são palavras isoladas; eles são artefatos. E através do material de análise, pudemos detalhar um pouco mais a fundo alguns detalhes: o código linguageiro, o estatuto do enunciador e do coenunciador, as figuras de linguagem (a ver, a metáfora e a metonímia) e o vocabulário, aspectos esses que Maingueneau salienta como sendo alguns dos elementos importantes para a criação de uma semântica global.

Sabemos que, no gênero notícia, o enunciador costuma ser o jornalista. No entanto, temos outros enunciadores que foram autorizados a participar desse discurso. Como por exemplo, o leitor. Este leu a chamada do jornal, pedindo que seus leitores enviassem denúncias ao veículo através do *WhatsApp*, pois teriam suas reclamações publicadas em forma de matéria. Outro enunciador seria a mascote Zé Lador, que atua como intermediador entre a população e o poder público. Esta população parece, de certa forma, não se mobilizar a fim de lutar por seus direitos de forma coletiva, necessitando do poder da imprensa para intervir por uma solução. Por último, os governantes, que são sempre convidados a anunciar uma promessa para resolver os problemas apresentados. Tivemos no *corpus* de estudo marcas visíveis em forma de discurso direto nas quais vemos os diferentes discursos sendo atravessados na narrativa do jornalista construindo o texto e autorizando os diferentes enunciadores em seus dizeres.

Dentro do código linguageiro que as notícias constituem, chama-nos atenção o fato de que a narrativa construída é carregada de características muito semelhantes à de uma história em quadrinhos (HQ). Temos uma linguagem informal (que é característica de um jornal popular), mas, além disso, há o acréscimo de comparações irônicas entre um “lama-jato” e um “lava-jato”, por exemplo (fazendo uma comparação entre a rua cheia de lama e a operação lava-jato). O jornalista constantemente faz um contraste entre a mazela do povo e elementos jocosos, que podem ser interpretados até mesmo como uma

forma de escárnio com a população. A mascote também é um símbolo que tem superpoderes e fala de super-herói, corroborando, assim, a construção desse código linguageiro de HQ.

Tomemos a seguir a discussão do vocabulário na forma das figuras de linguagem. Analisemos o exemplo a seguir, retirado da notícia 1 (Anexo):

Ex.: “Em dias de chuva a via se transforma num mar de sujeira.”

Há a presença de uma metáfora facilmente identificada, quando a rua é comparada a um mar de detritos. As metáforas encontradas no *corpus* podem ter sido utilizadas em uma tentativa do autor de criar empatia com seu leitor, pois estas “criam uma relação de proximidade com o [...] leitor [...], pois ao ‘entender’ a metáfora, o leitor passa a ser cúmplice do falante” (Berber-Sardinha, 2007, p. 14). Além disso, a metáfora produz um efeito de sentido através do que se enuncia.

Já o buraco, enquanto falta de asfalto, pode ser interpretado como algo maior, que falta na vida das pessoas. Como se a vida das pessoas estivesse de fato no buraco. Assim como no exemplo retirado da notícia 11 (Anexo):

Ex.: “– Continuamos na lama. E ainda surgiram vários buracos que não existiam antes das obras”.

Vemos a vida dessas pessoas inseridas em um abismo com a falta de todos os recursos mínimos a que um cidadão tem direito assegurado por lei, como saúde, educação, moradia, lazer, entre outros. Os buracos e a lama são literais, mas a contextualização dos enunciados permite-nos ir além e entender que a vida na lama e cheia de buracos é também uma metáfora para toda a situação de caos que esses bairros e pessoas enfrentam.

O buraco também pode ser interpretado através do uso da metonímia. A presença de um buraco revela que não falta apenas asfalto para a população. Essa parte, que define o todo, pode ser explicada por tantas outras coisas que faltam na vida das pessoas. As vidas que estão dilaceradas, sujas, com mau cheiro e atoladas na lama.

Há também uma cena enunciativa que se repete no *corpus* ao longo de cinco notícias nos exemplos listados adiante, que é a questão de estar com “lama nos pés”, conforme pode ser visto na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2: Enunciados que carregam a denúncia de andar com lama nos pés.

Notícia	Enunciado
1	Ou ficamos em casa ou colocamos sacos plásticos nos pés.
2	Precisamos usar sacos plásticos nos pés para conseguir caminhar pela via.
4	É horrível! Temos que enfiar o pé na lama para poder ir trabalhar.
8	Para sair de casa, só com saco plástico nos pés.
8	O resto ficou na terra mesmo. E nós, com o pé na lama.
10	E, em dias de chuva, só dá para passar com um saco plástico nos pés.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Há um efeito de sentido em pedir socorro utilizando os pés como uma parte do corpo dos cidadãos que nos remete à ideia de movimento, ou à falta dele; a comunidade não se move porque está atolada. Como consequência, pode-se depreender um sentido maior de imobilidade urbana e socioeconômica que os enunciados carregam. Os cidadãos querem denunciar algo através de seus próprios corpos e afirmam que não conseguem se locomover devido à lama.

Os enunciadores falam repetidamente acerca de lama e buracos que estão em sobra, e saneamento e asfalto que estão em falta (entre outros itens). Logo, cremos ser importante categorizar em uma Tabela (3, a seguir) o que sobra e o que falta.

As coisas que sobram e faltam na comunidade são todas nomeações, ou seja, sintagmas nominais. Tentar nos ater somente à classificação formal quanto a substantivos (asfalto, buracos), adjetivos (podre, suja) ou sintagmas nominais (água podre, água suja), por exemplo, seria reduzir a magnitude de sentido do que está sendo produzido. Somente a análise da enunciação apropria-se desses enunciados e consegue analisá-los sem atrelá-los a categorias pré-estabelecidas.

Pretendemos reafirmar que na discursividade tudo é construído, nada é dado *a priori*, inclusive essas questões que muitos consideram já como muito firmadas e pré-estabelecidas por aqueles que veem a língua de uma perspectiva não discursiva. Não conseguir nomear e classificar os sintagmas parece ser um sintoma da questão discursiva. Há sim palavras que estabelecem uma relação de antonímia; no entanto, não aquela da semântica, mas uma antonímia produzida na enunciação. Há uma impossibilidade da gramática tradicional de dar conta dos fenômenos enunciativos.

Portanto, criamos a Tabela 3 a seguir (listando aquilo que nos é mostrado pela materialidade linguística do *corpus*), relacionando o que a população enuncia como desejo e o que declara como objeção.

Tabela 3: Elementos que faltam e sobram nas notícias.

O que falta (o que a população deseja)	Número da notícia	O que sobra (o que a população não deseja)
Asfalto	6, 7, 12	água podre
Manilhas	5	água suja
Manutenção	7	buracos
Obras	5	cavalo solto
Pavimentação	6, 12	cheiro forte de esgoto
saneamento básico	1, 12	detritos
		esgoto
		isopor, garrafas pet e sacolas plásticas
		lama
		lixo
		mato
		mau cheiro
		problemas
		sujeira
		sujeira do valão
		vala

Fonte: Elaboração própria, 2020.

O que chama a atenção é a alteridade entre o que falta e o que sobra, resultando em dois polos opostos entre si. Ou seja, “faltar” tem uma denotação negativa, mas tudo o que falta são coisas boas, com significação positiva. O oposto acontece com os itens que sobram, palavra com sentido positivo, mas atrelada a coisas negativas.

Tabela 4: Definição dos elementos positivos e negativos.

Falta (negativo) –	Coisas positivas +
Sobra (positivo) +	Coisas negativas –

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Se compararmos quantitativamente os itens que sobram e o que as comunidades têm e precisam, as Tabelas 3 e 4 nos possibilitam visualizar essa materialidade linguística de uma forma mais nítida e perceber que temos mais elementos negativos sendo descritos pelos enunciadores do que positivos. Ou seja, a visão de mundo que a comunidade tem do seu redor é uma visão negativa, da falta e da escassez. É uma espécie de olhar para outras áreas da cidade desejando aquilo de bom que elas possuem para dentro do seu bairro também.

É perceptível nas notícias a construção do sentimento coletivo de abandono das comunidades retratadas. Esse fato está no nível do linguístico através de verbos que demonstram como os enunciadores se sentem. Há um sentimento de esquecimento que paira no imaginário coletivo dos enunciadores e é materializado através dos verbos esquecer, lembrar e abandonar. Como podem ser vistos na Tabela 5 a seguir:

Tabela 5: Verbos que expressam o sentimento coletivo de abandono.

Notícias	Verbos que expressam abandono
1, 2	(não) lembrar
6, 9, 11, 12	Abandonar
8	Esquecer

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Esses enunciados demonstram um vazio, uma espécie de (in)existência sem sentido nessas populações, um esquecimento daqueles que só são lembrados quando se interessa voltar o olhar para as áreas carentes em busca de votos. Os enunciadores questionam que apenas recebem visitas dos governantes quando as eleições se aproximam (notícias 3 e 4, em Anexo).

Não se sabe, explicitamente, quem enviou a mensagem em forma de denúncia ao jornal, pois a notícia não menciona tal informação. No entanto, o fato pode ser recuperado através do discurso direto relatado, quando o jornalista dá voz a um leitor do jornal que pediu ajuda ao Zé Lador através do *WhatsApp*. Tendo sido a única pessoa que representa a comunidade retratada a quem é dada voz, fica clara a associação entre esse discurso e a figura do leitor que denuncia e escreve ao jornal (também chamado aqui de leitor-autor). Sendo assim, os leitores-autores das notícias podem ser organizados de acordo com profissão, idade e gênero conforme demonstrado na Tabela 6 a seguir.

Tabela 6: Os leitores-autores das notícias do *corpus*.

Número da notícia	Profissão	Idade	Gênero
1	Motorista	40	Masculino
2	Pedreiro	72	Masculino
3	Montador	42	Masculino
4	Acompanhante de idosos	53	Feminino
5	Vigilante	34	Masculino
6	Funcionário público	45	Masculino
7	Não identificado	–	–
8	Estudante	19	Masculino
9	Corretora de imóveis	34	Feminino
10	Estudante	28	Masculino
11	Professora	39	Feminino
12	Motorista	45	Masculino

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Das doze notícias analisadas, foram identificados onze leitores que enviaram as denúncias ao jornal. O leitor-autor da notícia 5 (Tabela 6) preferiu não se identificar (mesmo sendo uma notícia relacionada à manutenção do bairro e que parece não comprometer o denunciante), sendo tratada aqui como uma denúncia anônima. Esse caso se assemelha ao serviço do disque-denúncia, número de telefone e aplicativo de celular no qual qualquer pessoa pode denunciar crimes com a garantia de seu anonimato preservado.

As profissões dos denunciadores são, em sua maioria, relacionadas a profissionais de baixa escolaridade e renda, ou seja, são em sua maioria a mão de obra pesada da população. São os mais pobres que moram na periferia e ajudam a movimentar os centros das cidades, mas que moram em áreas malcuadadas, as chamadas cidades-dormitórios.

A idade dos participantes foi bem heterogênea, variando de 19 a 72 anos. Chamamos a atenção o fato de a maioria ser do sexo masculino. Parece que com isso houve uma preferência dos editores do jornal a dar voz aos leitores homens, tornando a proporção de gênero desigual. As mulheres foram pouco representadas e não tiveram voz ativa nessas comunidades aqui descritas. Isso pode transpassar um efeito de que os homens leem mais o jornal que as mulheres ou que são mais atentos às demandas do bairro como tendo a

função de zeladores da comunidade (profissão essa na maioria das vezes exercida por profissionais do sexo masculino).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal atua como um suporte de uma comunidade sem voz. Podemos constatar a força do vocabulário na construção da semântica global dos textos. O gênero notícia é formado e transformado através de sua formação discursiva que, por sua vez, se manifesta através de múltiplos elementos enunciativos, em diferentes planos com ênfase aqui no léxico para formar uma semântica global dos textos. Esta pode ser lida em diferentes planos, tanto no dito quanto no não dito (os implícitos). É mister ressaltar que quem profere um discurso o faz de um local de fala dentro de um determinado contexto social.

Tentaremos responder agora as três perguntas norteadoras deste artigo que apresentamos na introdução da pesquisa: que efeitos de sentido são produzidos nesses discursos? Quem está legitimado a falar e sobre o que falam? Que vocabulário utilizam?

A população tem um papel central na construção dessas notícias, mas sempre permeado pela figura do Zé Lador que costura a narrativa de forma lúdica. A semântica global dos textos parece criar uma notícia de entretenimento. Na população que denuncia, podemos ver que, das doze notícias, sua grande maioria foram homens que enviaram suas reclamações, cujas profissões são a de mão de obra barata. Isso parece nos mostrar que os denunciantes têm baixo poder aquisitivo e pouca escolaridade. O poder público entra em cena como um mero coadjuvante, pois o que chama a atenção não é a solução do problema, mas a precariedade da cena retratada em si. Tal efeito aponta para um retrato de uma população que se encontra agoniada e sofrendo por auxílio básico de necessidades que deveriam ser rapidamente sanadas pelo poder público.

O dizer é legitimado pelo vocábulo através de substantivos que denotam falta, escassez, miséria. A quantidade de coisas que eles reclamam e que veem ao redor é muito maior do que aquelas que pedem. Com isso há uma construção de um sentimento coletivo de abandono e descaso da população pelo poder público.

REFERÊNCIAS

- BERBER-SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Algo não cheira bem em Caxias. *Extra*, Rio de Janeiro, 11 mai. 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Asfalto fica só na promessa. *Extra*, Rio de Janeiro, 4 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Falta manutenção, sobram os buracos. *Extra*, Rio de Janeiro, 13 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Muitos buracos e nada de obra. *Extra*, Rio de Janeiro, 28 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Obra está parada há cinco anos. *Extra*, Rio de Janeiro, 8 maio, 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Praça mais para lá do que para cá. *Extra*, Rio de Janeiro, 20 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Rua é formosa apenas no nome. *Extra*, Rio de Janeiro, 3 jun. 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Sete meses com os pés na lama. *Extra*, Rio de Janeiro, 25 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Só o Zé Lador se lembra deles. *Extra*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BERBER-SARDINHA, Tony. Um piscinão no meio da avenida. *Extra*, Rio de Janeiro, 6 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.
- BITTENCOURT, Clara. Muitos buracos e nada de obra. *Extra*, Rio de Janeiro, 28 mai. 2015. Mais Baixada, p. 2.
- BITTENCOURT, Clara. O ‘lama jato’ do Transmontano. *Extra*, Rio de Janeiro, 18 mai. 2015. Mais Baixada, p. 2.
- BITTENCOURT, Clara. Sem asfalto, rua vira lixão em Meriti. *Extra*, Rio de Janeiro, 12 mai. 2015. Mais Baixada, p. 2.
- CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34, 2017.

FREIXO, Estêvão de Carvalho; ROCHA, Décio. Considerações de ordem enunciativa sobre a formação dos códigos linguageiros. *Revista (Com)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 27, p. 62-77. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 05 mar. 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. 2006. *Cenas da Enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições. P. 181.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2008.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. “A cartografia como método de intervenção”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SILVA, Luciana Soares da. A presença da metáfora no discurso jornalístico. *Revista Investigações*, v. 20, n. 2, p. 113-127, 2007.

STRELOW, Aline. O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n. 25, p. 67-90, dez. 2011.

ANEXO

Figura 1: Reprodução da Notícia 1 do *corpus*.

30/04/2015 Extra Digital - Só o Zé Lador se lembra deles - 30 abr 2015 - Page #44

Só o Zé Lador se lembra deles

Moradores da Rua Viriato Correa, em Japeri, reclamam do abandono da via, que tem esgoto a céu aberto e buracos

Clara Bittencourt
falabaixada@extra.inf.br

Os buracos, a lama e o cheiro forte de esgoto denunciam o abandono da Rua Viriato Correa, no bairro Santa Amélia, em Engenheiro Pedreira, Japeri. E as reclamações dos moradores são muitas.

— A rua está totalmente abandonada e ninguém atende nossos pedidos de socorro — reclama o motorista Jorge Gouvêa, de 40 anos.

Os moradores constantemente reclamam com a prefeitura, mas nada é feito para melhorar, nem paliativos, de acordo com ele:

— Quando passa funcionário por aqui sempre perguntamos se não vão fazer obras. A resposta é sempre negativa.

E, para piorar, na via tem uma enorme vala.

— Precisamos de saneamento básico. Muitas crianças moram aqui e brincam no esgoto — alerta Jorge.

Em dias de chuva, transitar no local é uma tarefa praticamente impossível:

— Ou ficamos em casa ou colocamos sacos plásticos nos pés. A lista de problemas é imensa...

A Secretaria de Obras de Japeri informou ao nosso herói que enviará uma equipe de técnicos até a Rua Viriato Correa para avaliar a situação do local e tomar as providências necessárias. ▮



A vala negra na rua: as crianças costumam brincar no local

Fonte: Jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2015. Mais Baixada, p. 2.

Notícia 1: Só o Zé Lador se lembra deles.

Só o Zé Lador se lembra deles – 30 de abril de 2015.

Moradores da rua Viriato Correa, em Japeri, reclamam do abandono da via, que tem esgoto a céu aberto e buracos.

Os buracos, a lama e o cheiro forte de esgoto denunciam o abandono da Rua Viriato Correa, no bairro Santa Amélia, em Engenheiro Pedreira, Japeri. E as reclamações dos moradores são muitas. — A rua está totalmente abandonada e ninguém atende nossos pedidos de socorro — reclama o motorista Jorge Gouvêa, de 40 anos. Os moradores constantemente reclamam com a prefeitura, mas nada é feito para melhorar, nem paliativos, de acordo com ele: — Quando passa funcionário por aqui sempre perguntamos se não vão

fazer obras. A resposta é sempre negativa. E, para piorar, na via tem uma enorme vala. – Precisamos de saneamento básico. Muitas crianças moram aqui e brincam no esgoto – alerta Jorge. Em dias de chuva, transitar no local é uma tarefa praticamente impossível: – Ou ficamos em casa ou colocamos sacos plásticos nos pés. A lista de problemas é imensa... A Secretaria de Obras de Japeri informou ao nosso herói que enviará uma equipe de técnicos até a Rua Viriato Correa para avaliar a situação do local e tomar as providências necessárias.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 30 abr., 2015. Mais Baixada, p. 2.

Notícia 2: Asfalto fica só na promessa.

Asfalto fica só na promessa – 4 de maio de 2015.

Moradores da rua Jequitaiá reclamam que autoridades só aparecem na época da eleição. Depois, esquecem a região.

Os moradores da Rua Jequitaiá, no bairro de Campos Elíseos, em Duque de Caxias, dizem que só são lembrados mesmo durante o período de eleição. Atualmente, a situação da via não é nem um pouco animadora. – Só prometem e não recebemos nenhum benefício. Até ensaiaram uma obra, trocaram as manilhas e colocaram pó de pedra. Mas na primeira chuva foi tudo embora e só ficou a lama de lembrança – conta o pedreiro Hilton Cordeiro, de 72 anos. O nosso herói Zé Lador quis saber como a rua fica em dias de chuva. – Temos muitas dificuldades para andar. Mesmo com pouca chuva, as condições são horríveis. Precisamos usar sacos plásticos nos pés para conseguir caminhar pela via – comenta o morador. Nosso incansável super-herói foi em busca de uma resposta da prefeitura. De acordo com a Secretaria de Obras de Duque de Caxias, a Rua Jequitaiá está incluída na programação desta semana da operação tapa buracos do município. O Zé Lador vai continuar de olho no problema e aguarda uma solução.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 4 maio, 2015, Mais Baixada, p. 2.

Notícia 3: Um piscinão no meio da avenida

Um piscinão no meio da avenida – 6 de maio de 2015.

Buracos e sujeiras ocupam valão em via de Saracuruna e incomodam moradores. Prefeitura promete resolver problema.

Um piscinão em Saracuruna, Duque de Caxias, chamou a atenção do Zé Lador. Com calor, ele desceu para se refrescar, mas, encontrou um buracão cheio de lama na Avenida do Canal. – É desse jeito que a via toda se encontra. A pavimentação feita há anos já quase não existe mais. No lugar, estão muitos buracos – diz o montador Carlos Eduardo Silva, de 42 anos, revoltado. Ele lembra que os moradores convivem com um outro problema: a sujeira do valão que passa pelo local. – Tem tanto mato que a gente já nem vê mais a água. E a prefeitura não manda nenhuma equipe para capinar e fazer limpeza – reclama. O Zé Lador logo imaginou o que acontece nos dias de chuva... – Fica tudo alagado. Estamos abandonados! – desabafa Carlos Eduardo. A Secretaria de Obras de Duque de Caxias informou que a Avenida do Canal está incluída na programação desta semana da operação Tapa Buracos. Além disso, o

órgão disse que fará a limpeza do valão que passa pela via. O nosso herói Zé Lador ficará de olho e pede que os moradores entrem em contato caso os problemas não sejam solucionados.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 6 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.

Notícia 4: Obra está parada há cinco anos.

Obra está parada há cinco anos – 8 de maio de 2015.

Moradores da Rua Impala, em Belford Roxo, dizem que só o meio-fio foi feito. Além disso, há mato e fio espalhado.

Uma rua sem pavimentação, com lixo, mato e até um cavalo solto. Esse foi o cenário encontrado pelo Zé Lador na Rua Impala, no bairro Boa Ventura, em Belford Roxo. Há cinco anos, segundo os moradores, uma obra foi iniciada: a rua foi quebrada, o meio-fio foi feito. E só. – Parou no meio. Abandonaram. E infelizmente é assim que está até hoje – conta a acompanhante de idosos Aldilea da Silva, de 53 anos. Ela lembra ainda que em dias de chuva a via se transforma num mar de sujeira. – É horrível! Temos que enfiar o pé na lama para poder ir trabalhar – reclama Aldilea. Outra denúncia feita pela moradora deixou o super-herói do *EXTRA* mais chateado ainda: – A atual gestão da prefeitura não diz nada quando questionamos o estado da rua. Só fazem promessas. Mas, na época da eleição, veio um monte de gente apertar a nossa mão dizendo que iriam asfaltar. A prefeitura informou que o governo do estado contratou uma empresa, que iniciou as obras, mas parou. E que por isso não pode intervir. Já o estado disse que o trecho da via de responsabilidade da Secretaria estadual de Obras é o do Vale do Ipê, e que Boa Ventura não está incluído no cronograma.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 8 maio, 2015, Mais Baixada, p. 2.

Notícia 5: Algo não cheira bem em Caxias.

Algo não cheira bem em Caxias – 11 de maio de 2015.

Córrego que passa por rua no bairro Parque Vila Nova tem muitos detritos e incomoda moradores há sete anos.

O mau cheiro e a quantidade de lixo na vala da Rua São José, no Parque Vila Nova, em Duque de Caxias, impressionam quem passa no local. Na água, é possível encontrar de tudo: isopor, garrafas pet e sacolas plásticas... – Os moradores estão cansados de entrar em contato com a prefeitura, mas infelizmente nada é feito – reclama o vigilante Ronaldo Teixeira de 34 anos. De acordo com ele, que foi morar no bairro há sete anos, a vala existe desde então: – De lá para cá, nada mudou. Só retiram o lixo. Não trocam as manilhas, não fazem obra. O problema é ainda maior em dias de chuva. – Como a vala está no mesmo nível da rua, quando chove transborda. Alaga tudo, e a água suja entra nas casas. Nós ficamos muito expostos – alerta Ronaldo: – Precisamos da ajuda do herói Zé Lador. A Secretaria municipal de Obras informou que faz regularmente a limpeza da vala, e que irá enviar novamente uma equipe ao local. O órgão solicitou ainda que os moradores da região colaborem, não jogando no local móveis e objetos.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 11 mai. 2015, Mais Baixada, p. 2.

Notícia 6: Sem asfalto, rua vira um lixão em Meriti.

Sem asfalto, rua vira um lixão em Meriti – 12 de maio de 2015.
Moradores de Vila São João dizem que detritos no chão não são recolhidos e reclamam da falta de pavimentação.
O Zé Lador encontrou na Rua Mauá, no bairro Vila São João, em São João de Meriti, um lixão bem no meio da via. E o mau cheiro chama a atenção de quem passa pelo local. – A coleta é feita normalmente, mas esse lixo que fica no chão o caminhão não leva. Os garis só pegam o que fica nas portas das casas – explica o funcionário público Almir Gonçalves, de 45 anos: – Gostaria de saber o motivo disso acontecer. Porque não faz o menor sentido não coletar o que está na rua. Outra reclamação do leitor é a de que pessoas de outras ruas costumam despejar os detritos no local: – É um absurdo! Quem mora aqui coloca o lixo nos dias certos de coleta. E, para piorar, a rua não tem pavimentação. – O prefeito não fez nada no nosso bairro, estamos abandonados – destaca ele. O nosso herói foi atrás de uma resposta da prefeitura. A Secretaria municipal de Serviços Públicos informou que em 48 horas uma equipe irá até o local para buscar uma solução para o problema dos moradores.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 12 mai. 2015. Mais Baixada, p. 2.

Notícia 7: Falta manutenção, sobram os buracos.

Falta manutenção, sobram os buracos – 13 de maio de 2015.
Moradores de Belford Roxo reclamam das péssimas condições do asfalto em diversas ruas de Heliópolis.
A quantidade de buracos na Rua Santa Helena, no bairro Heliópolis, em Belford Roxo, assustou o Zé Lador. Através do WhatsApp, um morador que preferiu não se identificar, disse ao super-herói que várias vias estão na mesma situação, como a Dona Vitalina, as avenidas Heliópolis e do Canal, entre outras. Ele foi ao local conferir. – A pavimentação é antiga. Com a quantidade de carros que passa pelas vias, o asfalto acaba cedendo – explica ao Zé Lador. De acordo com o morador, a Prefeitura de Belford Roxo não faz a manutenção. – A população já fez abaixo-assinado, foi pessoalmente até o órgão, mas não adianta. Ninguém toma uma providência – reclama ele, que pede socorro: – Precisamos de ajuda. Não dá mais para viver nessas condições. É difícil se locomover aqui pelo bairro. A Secretaria de Obras de Belford Roxo informou que está fazendo a Operação Tapa Buraco em diversos pontos da cidade e que vai incluir na programação as ruas citadas pelo Zé Lador. O órgão afirmou ainda que o serviço deve ser executado nas próximas semanas, após a conclusão de outras demandas solicitadas pelos moradores da cidade.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 13 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.

Notícia 8: O ‘lama jato’ do Transmontano.

O ‘lama jato’ do Transmontano – 18 de maio de 2015.
Moradores de Japeri contam que não adianta lavar o carro. Prefeitura diz que enviará equipe.
“Nem adianta lavar o carro, porque a gente já sabe que vai sujar de lama de novo”. O desabafo é do estudante Diego Sousa, de 19 anos. De acordo com ele, a Rua Gago Coutinho, no Jardim Transmontano, em Japeri, não tem asfalto e está numa situação de dar pena. – Para sair de casa, só com saco plástico

nos pés. A gente corre até risco de escorregar e se machucar – comenta Diego com o super-herói do *EXTRA*: – E ainda tem os buracos. É uma aventura. Outro problema da rua é a falta de calçadas. – No lugar da passagem, o que os moradores têm é matagal – reclama o estudante: – A Prefeitura de Japeri não faz limpeza há muito tempo. Segundo Diego, no ano passado começaram uma obra no bairro, mas a Gago Coutinho ficou esquecida: – Colocaram pavimentação só nos primeiros 50 metros, mais ou menos. O resto ficou na terra mesmo. E nós, com o pé na lama. Ele espera que, com a ajuda do Zé Lador, a situação, pelo menos, seja amenizada: – Precisamos de ajuda! A Secretaria municipal de Obras informou que enviará ao local, esta semana, uma equipe de técnicos para avaliar a situação da rua e tomar as providências necessárias para resolver os problemas dos moradores.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 18 mai. 2015. Mais Baixada, p. 2.

Notícia 9: Praça mais para lá do que para cá.

Praça mais para lá do que para cá – 20 de maio de 2015.

Área de lazer na Rua do Vinho, no Marapicu, em Nova Iguaçu, tem brinquedos quebrados e muito mato. Grades caídas e enferrujadas, matagal, brinquedos quebrados, buracos...É assim que se encontra a Praça Dom Bosco, na Rua Vinho, em Marapicu, Nova Iguaçu. – Na verdade, este é o esqueleto do que sobrou do único espaço de lazer da região. Está tudo abandonado – lamenta a corretora de imóveis Christiane dos Santos, de 34 anos. Na opinião da moradora, o local deveria ser interditado. – As pessoas continuam usando desse jeito e acabam correndo riscos – diz a corretora de imóveis, lembrando que a praça está em péssimas condições há seis meses: – Desde dezembro, depois de uma ventania, não fizeram mais nada aqui. Ela acredita que, só se acontecer algo grave, as autoridades tomarão alguma providência: – A população conta com a ajuda do Zé Lador para que seja feita uma reforma urgente na praça. E destaca mais um problema: a falta de iluminação. – À noite, a situação fica ainda pior, um breu – comenta Christiane. A Secretaria de Obras e Serviços Públicos de Nova Iguaçu informou que uma equipe irá ao local nesta semana para avaliar quais os procedimentos necessários para a recuperação da Praça Dom Bosco.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 20 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.

Notícia 10: Sete meses com os pés na lama.

Sete meses com os pés na lama – 25 de maio de 2015.

Moradores de rua no Jardim Jurema esperam desde outubro por asfalto. Prefeitura dá novo prazo, agora de 72h.

Após sete meses de espera e nenhuma solução, o estudante Vinícius da Silva, de 28 anos, voltou a entrar em contato com o Zé Lador para avisar que os problemas da Rua Ana Menezes dos Santos, no bairro Jardim Jurema, em Meriti, não foram resolvidos: – Em outubro, a prefeitura havia prometido enviar equipes para resolver nossas demandas, mas continua tudo do mesmo jeito. A via, de acordo com Vinícius, piorou. – Por causa da falta de pavimentação, agora a rua tem mais buracos – conta o estudante: – Até para veículo passar é complicado. Vinícius lembra ainda de outros problemas: – O esgoto continua passando a céu aberto e os bueiros estão sem tampa. Um perigo para os moradores! E, em dias de chuva,

só dá para passar com um saco plástico nos pés: – Se não for assim, a gente não consegue sair de casa. A Prefeitura de São João de Meriti enviou uma resposta para o nosso super-herói e disse que a Secretaria de Serviços Públicos enviará técnicos à Rua Ana Menezes dos Santos dentro de 72 horas para solucionar os problemas dos moradores. O Zé Lador vai continuar de olho.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 25 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.

Notícia 11: Muitos buracos e nada de obra.

Muitos buracos e nada de obra – 28 de maio de 2015.

Moradores de rua em Belford Roxo denunciam abandono de reforma da via: ‘Os funcionários desapareceram’.

Crateras e montes de terra estão por toda a parte na Rua Karla, no bairro Vale do Ipê, em Belford Roxo. A via não tem pavimentação e quem precisa passar por ali tem que encarar um verdadeiro rali. – Em novembro do ano passado começou uma obra do Bairro Novo, mas só as manilhas foram trocadas e nada mais foi feito – reclama ela a professora Karla Farias, de 39 anos: – Os funcionários desapareceram. O nosso super-herói Zé Lador foi conferir a denúncia e viu que o tão sonhado asfalto não chegou: – Continuamos na lama. E ainda surgiram vários buracos que não existiam antes das obras – diz Karla. Quando chove, a via fica num estado crítico, segundo a professora. – Os moradores que têm carros estão evitando sair motorizados porque atola. Há 15 dias um caminhão ficou preso e outro teve que vir para fazer o resgate. Precisamos que o resgate continue – pede Karla. Segundo a Secretaria estadual de Obras, a rua Karla recebeu drenagem e está pronta para ser pavimentada. O asfalto não foi aplicado em função do aumento médio de 50% no custo dos insumos usados para pavimentação, o que fez o governo do estado rever contratos do programa Bairro Novo.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 28 maio 2015, Mais Baixada, p. 2.

Notícia 12: Rua é formosa apenas no nome.

Rua é formosa apenas no nome – 3 de junho de 2015.

Via de Belford Roxo não tem asfalto nem saneamento básico. A prefeitura diz que providenciará melhorias.

Cansado de atravessar tantos problemas pela Rua Formosa, no bairro Vila Pauline, em Belford Roxo, o motorista Luiz da Silva, de 45 anos, pediu a ajuda do Zé Lador através do WhatsApp. – Aqui não tem saneamento básico, o esgoto passa a céu aberto e as pessoas ficam expostas à água podre. Não tem pavimentação nem calçadas – reclama Luiz: – Temos que andar pela rua, com os carros. Sem saída, o motorista foi até a prefeitura com outros moradores da região: – Já avisamos às autoridades várias vezes, mas não adiantou, infelizmente. Em dias de chuva, o cenário de abandono piora. – É muita lama. Corremos risco de escorregar. Crianças e idosos têm muita dificuldade para caminhar – relata Luiz: – Temos que deixar o carro em outras ruas porque, se passar por aqui, atola. Precisamos de ajuda. A Secretaria de Obras de Belford Roxo informou que uma equipe será enviada ao local, nos próximos dias, para verificar os problemas relatados pelos moradores e providenciar os reparos necessários para a via.

Fonte: *Extra*, Rio de Janeiro, 3 jun. 2015, Mais Baixada, p. 2.

Recebido em: 25/06/2023

Aceito em: 31/01/2024

Gustavo Estef Lino da Silveira: Professor adjunto do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira / CAp-UERJ. Com pesquisas nas áreas de: Ensino de Inglês como Língua Estrangeira, Aquisição de Segunda Língua, Análise do Discurso, Práticas docentes de professores de Inglês e Linguística de Corpus.